

## **Alien Covenant - O difícil pacto dos seres falantes**

*Marcus do Rio Teixeira*

*Alien Covenant* é a concretização de um projeto de Ridley Scott: dar sequência a *Prometheus* (2012), que por sua vez tinha como propósito amarrar as pontas, explicando a origem da criatura que aterroriza e fascina os fãs desde o primeiro filme da série, no distante ano de 1979. Uma observação de passagem: essa preocupação com o que vem “antes” ou “depois” de um filme só faz sentido para aqueles que levam a suspensão da descrença ao ponto de imaginar uma realidade prévia ao enredo da obra que, por definição, independe de tais cogitações. A indústria cinematográfica, por sua vez, aplaude o interesse dos cinéfilos por novas produções que arrecadam milhões de dólares.

Quanto a Scott, o diretor declarou numa entrevista ao canal *GloboNews* que ele pretende esclarecer o como e o porquê por detrás do enredo do primeiro filme. Em outras palavras, ele quer cuidar da sua obra. Não devemos tomar como casualidade o fato de que o tema desse novo *Alien* seja a *criação*. Não apenas a criação dos seres monstruosos, a criação dos androides semelhantes aos humanos em certos pontos e superiores em outros tantos, mas a própria criação do diretor, a sua obra. Esta andava um tanto abandonada desde que o seu filme de 79 gerou sequências de qualidade muito irregular, distantes do pioneirismo do original.

O número dois da saga, *Aliens*, o *resgate* (James Cameron, 1986) é um filme para ser esquecido, com muitos tiros e explosões, mas sem nenhum elemento digno de nota, muito menos de elogio. O terceiro, *Alien*<sup>3</sup> (David Fincher, 1992) recupera o ritmo mais lento, acrescentando um clima denso, sombrio, mas sem desenvolver os personagens (melhor dizendo, a protagonista, Ripley, única sobrevivente das aventuras anteriores). *Alien - A ressurreição* (Jean-Pierre Jeunet, 1996) é um filme de ação, com piratas espaciais e combates, mas ao mesmo tempo retoma e desenvolve subtemas presentes no primeiro filme: a ciência a serviço da indústria de armamentos, pesquisando o potencial do monstro como arma biológica; a maternidade e o parasitismo do feto. Além de introduzir uma Ripley clonada, mais niilista e sarcástica do que a personagem original, e uma androidezinha punk interpretada por uma então jovem Winona Ryder. Além desses filmes, o monstro foi aproveitado em alguns filmes de ação com roteiros minimalistas, como *Alien versus Predador* (Paul W. S. Anderson, 2004).

Não foi à toa que Scott, já com mais de 70 anos, decidiu que era hora de resgatar o seu filme, conferindo-lhe uma sequência digna da inovação e ousadia reconhecidas até hoje. A crítica, porém, torceu o nariz para *Prometheus*, que lhe pareceu marcado por reflexões de cunho excessivamente religioso sobre a origem da espécie humana. Já nessa sequência, cuja história se passa 10 anos após a missão do filme anterior, a temática religiosa dá lugar a uma reflexão fria sobre a criação. Não adiantou. Dessa vez a crítica considerou o filme

como um mero *blockbuster*: “*Alien* hoje é menos uma saga de suspense no espaço e mais uma franquia de ação”, sentenciou um crítico<sup>1</sup>.

É no mínimo uma injustiça tratar *Alien Covenant* como um mero filme de ação. Também não faz sentido esperar dele a mesma atmosfera de suspense do original. Não há mais mistério quanto ao que o monstro é capaz de fazer, questão que ocupava a tripulação (e o público) do primeiro filme por um bom tempo. Hoje o público já conhece tudo sobre o monstro, não há como criar um suspense em torno dele. Resta descobrir a origem da criatura e porque se deu o seu encontro com os seres humanos. Quanto às sequências de ação, elas na verdade são bem dosadas e distantes do ritmo frenético de certos filmes contemporâneos.

Nos filmes anteriores, houve quem enxergasse na forma de desenvolvimento do monstro uma fantasia do feto como parasita. O design da criatura, criação do artista Hans R. Giger, que funde o orgânico ao mecânico, suscitou toda espécie de especulações. É verdade que *Alien - A ressurreição* levou muito longe esse tema da maternidade, mas isso soa mais como uma inflação de imaginário. Quando o deleuzianismo predominava na academia, os críticos adoravam desse tipo de coisa, que soava meio *esquizo*. Na verdade, esses temas têm mais a ver com fantasias de crianças e adultos neuróticos sobre o corpo materno. Não é desse assunto que pretendo me ocupar. Em vez de especular a respeito das fantasiuzinhas neuróticas, prefiro tomar a palavra do artista. E o que ele diz?

Scott deixa claro que pretende elaborar alguns temas de sua preferência, presentes explícita ou potencialmente no primeiro filme, mostrando mais uma vez que o tema do cinema de autor é o próprio cinema. Ele faz isso de forma sutil, mas não sutil demais para o público contemporâneo, pouco afeito ao pensamento e à reflexão. Porém, sua erudição é mais forte do que a intenção de fazer um mero filme de ação, como acusam os críticos. O diretor escolhe bem suas referências: a nave do primeiro filme é chamada de *Nostromo*, uma citação de Joseph Conrad. Já no filme anterior, o nome do titã *Prometeu*, que roubou o fogo sagrado e permitiu o progresso da humanidade, resume o tema central do filme. *Covenant*, por sua vez, é traduzido em nossa língua como pacto, aliança, acordo, e possui um sentido tanto jurídico quanto teológico (como na *Arca da Aliança*, que guardava as tábuas dos dez mandamentos, simbolizando a aliança de Deus com o povo de Israel).

A primeira nave era um cargueiro espacial, transportando minério. A segunda era uma nave de pesquisa científica (patrocinada por um empresário, com fins pessoais). *Covenant* é uma nave de colonização, transportando seres humanos e embriões para um planeta com condições de vida similares às da Terra. Da atividade mercantil à colonização de outros planetas, passamos do tema da exploração de recursos naturais à tentativa de levar a espécie humana a um novo planeta. Mas a qual pacto, acordo, o diretor se refere? Pode ser o pacto entre os indivíduos que decidem deixar de lado suas diferenças pessoais ( “Essas pessoas vão ser seus vizinhos”, diz a mulher do capitão, advertindo-o para não ser muito autoritário com a tripulação) em proveito

---

<sup>1</sup> GENESTRETI, G. Mais é menos - Novo ‘Alien’, que estreia hoje, tem ritmo bem mais agitado que o original, de 1979, mas perde o clima de mistério. Ilustrada, *Folha de S. Paulo*, 11/5/2017.

do objetivo maior, salvar a humanidade. Quanto ao pacto com os criadores, já vimos no filme anterior que eles não estão dispostos a isso.

As referências ao filme original são numerosas e colocadas bem à vista dos cinéfilos: o pássaro de brinquedo; o sistema operacional do computador da nave, apelidado de “Mãe”; a mulher poderosa (“empoderada”, como diriam aqueles para quem o vernáculo é um planeta distante); a sequência de perseguição nos corredores com portas que se fecham ao comando de voz... Porém, o mais surpreendente, para mim, foi encontrar referências a outro filme igualmente emblemático do diretor, *Blade Runner* (1982). Elas são muitas e estão bem colocadas. Cito algumas (os fãs de *Blade Runner* certamente irão descobrir outras): o prego com que Roy Batty fura a própria mão; a sua exclamação “*That’s the spirit!*”; o beijo que ele dá no seu criador, Tyrell... Até a chuva onipresente na Los Angeles do futuro é repetida na tempestade que assola o planeta.

Qual o ponto comum entre *Alien* e *Blade Runner* (além de ambos terem sido dirigidos por Scott e terem alçado o cinema de ficção científica a um novo patamar)? Podemos dizer que em ambos está presente o tema da superação do humano. Esse tema se apresenta em Scott sob duas formas: uma delas é por meio dos seres artificiais. Quem não percebe que em *Blade Runner* os replicantes não são os vilões da história, mas criaturas nitidamente superiores aos seus criadores? Como super-homens nietzscheanos, eles estão muito além dos humanos e a perseguição que sofrem da parte destes se parece mais com uma tentativa de extermínio do que uma investigação policial. Esse, aliás, é um ponto de discordância com o livro de Philip K. Dick, *Do androids dream of electric sheep?*, que retrata os androides como seres malignos e desprovidos de empatia.

A outra forma de superação do humano é representada pela criatura alienígena. Em um texto antigo sobre o primeiro *Alien*, o autor, cujo nome não me recordo, apontava a existência de um subtexto de cunho eugênico na fala do androide Ash a respeito da criatura, referindo-se a ela como um “organismo perfeito”. A expressão retorna nesse novo filme, em mais uma citação oculta, porém desta vez o teor eugênico é não apenas insinuado, mas explícito: as criaturas foram desenvolvidas, aperfeiçoadas por um processo de seleção e hibridização. A tese do seu aproveitamento como armas biológicas pela indústria bélica é superada: elas já nasceram como armas biológicas. O que recoloca a questão de anos atrás: haveria de fato um subtexto eugênico em *Alien* e *Alien Covenant*?

A eugenia sempre foi associada a ideologias de extrema-direita, no caso, o nazismo ou movimentos criptonazistas. O mais curioso é vê-la ressurgir no final do século passado na produção teórica de autores posicionados à esquerda. A autora N. Katherine Hayles, que pratica a chamada crítica feminista da ciência e teoriza o *pós-humano*, ou seja, a superação do humano no decurso da evolução tecnológica, assim define o tema da sua teoria:

O pós-humano não significa realmente o fim da humanidade. Em vez disso, assinala o fim de uma determinada concepção do humano, uma concepção que, na melhor das hipóteses, talvez tenha se aplicado àquela fração da humanidade que teve riqueza, poder e tempo para conceituar a si própria como

seres autônomos que exerciam sua vontade através da ação individual e da escolha. O que é letal não é o pós-humano enquanto tal, mas o enxerto pós-humano numa visão humanista liberal do *self*.<sup>2</sup>

O humano, portanto, é uma invenção burguesa-liberal a ser superada pela revolução cibernética, que vai gerar o pós-humano. O fim da espécie humana é revolucionário. Nada desse guizado de Marx com ficção científica ao molho de cogumelos alucinógenos pode ser encontrado nos filmes de Scott. Se em *Blade Runner* ele induz o público a simpatizar com os seres artificiais é porque estes, apesar de sua superioridade - ou por causa dela - são escravizados, estão na posição de vítimas da poderosa indústria que os criou. Seu oponente, Deckard, é igualmente manipulado, e o público gosta de se identificar com os mais fracos.

Em *Alien*, *Prometheus* e *Covenant* os protagonistas são nitidamente os humanos e a torcida é pela sua sobrevivência. Qual o papel dos andróides nesses filmes? Ao contrário de *Blade Runner*, ele oscila entre o vilão e o mocinho. Isso ocorre não somente nos filmes sob a direção de Scott (vide o ardiloso David provocando a contaminação da tripulação em *Prometheus* e o leal Walter defendendo os humanos neste novo filme) mas em outros títulos da saga.

O que leva alguém a fantasiar, a fazer a apologia da extinção da espécie humana? Como os andróides de Scott não existem (ainda), para que possamos entrevista-los e obter uma opinião de fora, temos que nos contentar com as respostas dos humanos. Os freudianos diriam que se trata da pulsão de morte, do anseio pelo retorno ao inorgânico teorizado por Freud. Para Lacan, porém, o que há é “[...] a morte como significante, e, nada mais que como significante, pois será que se pode dizer que há um ser-para-a-morte?”<sup>3</sup>

Ora, a mortificação introduzida pelo significante é algo muito diferente do retorno ao inorgânico presente na pulsão de morte. A rigor, não se trata de uma pulsão, como bem aponta Colette Soler<sup>4</sup>. Não há, portanto, pulsão de morte. O que nos reconduz à nossa questão: por que alguém consideraria a extinção da espécie humana como algo desejável? Infelizmente, a resposta que eu posso dar está muito distante da criação do artista ou da elaboração do filósofo. Ela diz respeito à banalidade do neurótico. Assim como as gosmas do monstro agradam ao obsessivo, que curte seus cocozinhos, suas melequinhas, a extinção do humano por uma raça de alienígenas ou andróides fascina a histérica, que aguarda um mestre que, ao ser por ela desafiado, não afrouxe, mas a destrua totalmente.

Não é essa a posição de Scott, que retrata a mulher como uma brava guerreira, enfrentando os inimigos da espécie humana. Representação contemporânea do falicismo, deslocado agora para o lado feminino.

---

<sup>2</sup> HAYLES, N. Catherine. Apud SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias. O impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 286-287.

<sup>3</sup> LACAN, J. *O Seminário, Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* [1963-1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (2ª edição). p. 249.

<sup>4</sup> SOLER, C. *L'en-corps du sujet. Cours 2001-2002*. Paris: Fondation Clinique du Champ Lacanien, 2003. Aula de 19/12/2001. Tradução: Graça Pamplona.

